**RESUMO EXPANDIDO EPCA 2024**

**OS RIOS COMO MEIOS DE COMUNICAÇÃO:**

**AS INTERAÇÕES ENTRE MORADORES DA ILHA ARARAIM, LIMOEIRO DO AJURÚ/PA, APESAR DO DIGITAL**

**(Wanessa ALEXANDRINO - UFPA)[[1]](#footnote-1)**

**(Netília SILVA DOS ANJOS SEIXAS - UFPA)2**

**RESUMO**

Este trabalho é parte da dissertação de mestrado intitulada” Mídia e Interação na Amazônia Ribeirinha**:** a energia elétrica e processos comunicacionais entre moradores da ilha Araraim, Limoeiro do Ajurú/PA defendida em 2023 no Programa de Pós Graduação em Comunicação Cultura e Amazônia (PPGCOM) da Universidade Federal do Pará (UFPA). Neste trabalho é mostrado os caminhos de interações que levaram aos processos comunicacionais vivenciados pelos moradores de Araraim até o cenário representado pelas famílias do estudo. Esses caminhos vão desde os recados falados, com os rios como meios de comunicação, às cartas, aos telefones para ligação, até os aplicativos de mensagens, mostrando, por meio desta análise, como os usos midiáticos na ilha Araraim é uma questão relativa e de coexistência. Esta é uma pesquisa de abordagem qualitativa, com característica exploratória, que utilizou a técnica da observação direta intensiva, por meio da observação participante e entrevistas semiestruturadas.

**Palavras-chave:**  Amazônia ribeirinha. Ilha Araraim. Processos comunicacionais. Interação.

**1. INTRODUÇÃO**

Segundo João de Jesus Paes Loureiro (2001), autor paraense, entre os séculos XVI e XVII a Amazônia formava uma área considerada suscetível a ataques e invasões estrangeiras, sobretudo pela fácil entrada pelo rio Amazonas, que possibilitava o acesso de quem vinha da Europa. A política portuguesa de ocupação da região aconteceu por dois principais aspectos: a defesa militar e a demonstração de uma ocupação produtiva.

Vânia Maria Torres Costa (2011), ao escrever sobre esse espaço de ocupação diversificado e nos moldes europeus, destaca a questão populacional da região, decorrente das várias formas de invasão ocorridas:

A Amazônia de que se fala tanto não é uma só. Em oposição ao “vazio” imaginado nacionalmente, a Região é composta por uma população extremamente diversa, resultante de variadas formas de ocupação, que vão desde o índio, o negro africano, os povos europeus que deram início à colonização, e mais tarde imigrantes nordestinos e estrangeiros, como japoneses, judeus e libaneses, entre outros (Costa, 2011, p. 32).

Para Márcio Souza (2019), essa pluralidade de realidades requer um certo relativismo quando se escreve sobre Amazônia. Desse modo, uma descrição da realidade a qual se refere deve levar em consideração não só pelas diferenças geográficas, também, pelos diferentes protagonistas e sociedades inseridos na região na qual “a delimitação de suas fronteiras, a formação de seu espaço geográfico e a emergência das sociedades humanas, são conceitos tão carregados de significados distintos” (Souza, 2019, p.23).

No caso deste trabalho, ele aborda a Amazônia da população ribeirinha da cultura do rural, nas suas representatividades quanto aos seus traços de originalidade, seja como produtos de acumulação de experiências sociais, seja da criatividade de seus habitantes. Trata da experiência dos moradores da ilha Araraim, município de Limoeiro do Ajurú, que viveram a experiência das redes sociais e uso do celular, antes da chegada da energia elétrica disponível por 24h.

Antes dessa experiência digital, os recados e visitas presenciais eram as principais formas usadas pelos moradores para se comunicarem, atividade que necessitava de deslocamento pelos rios e igarapés . Esses recados eram enviados de forma oral, por meio de um conhecido que passaria usando o meio de transporte denominado de “casco a remo”, por onde o destinatário da mensagem estava. Esse envio também ocorria por meio de cartas e bilhetes. Deste modo, são pelos rios da ilha Araraim que acontecem as primeiras relações comunicacionais e fluxo de informações por toda a ilha.

Deste modo, observando os processos comunicacionais estabelecidos, este trabalho baseia-se nas reflexões de John B. Thompson (2018), que, ao revisitar Mídia e modernidade (1995), destaca quatro tipos de interação que define e distingue naquele momento do texto: interação face a face; interação mediada; quase-interação mediada; e considera um novo tipo chamada interação mediada-online. Essa classificação de Thompson recebe algumas críticas como as de Alex Primo (2003) e de Braga (2001). O primeiro questiona a denominação dada de “quase-interação mediada”. Primo (2003, p. 23) destaca:

A referência de Thompson a esse tipo de interação como “quase-mediada” ou “quase-interação” não parece precisa e pode gerar mal-entendidos. É difícil compreender com exatidão o que seria uma “quase-mediação” (as imagens televisivas, por exemplo, não são um exemplo de comunicação mediada?), ou mesmo o que viria a ser uma quaseinteração (uma interação pela metade?). Ora, se o próprio Thompson (1998, p. 80) observa que a quase-interação “é, não obstante, uma forma de interação”, porque entitulá-la de “quase-interação”?

Braga (2001) considera que além da nomenclatura que diminui as potencialidades de interação dos meios de comunicação, Thompson se vale de formas de interação face a face para analisar formas de interação midiatizada, e que os estudos dessas interações devem ser considerados pelas suas particularidades.

Mesmo com essas ponderações, Primo (2003, p. 24) considera esses tipos de interação propostos por Thompson como adequados para sua análise na tese “Interação mediada por computador: a comunicação e a educação a distância segundo uma perspectiva sistêmico-relacional”, pela abordagem da interação além de uma questão técnica de transmissão e irradiação, justificando que Thompson procura “pensá-los em suas capacidades de mediar a comunicação (a ação compartilhada), o diálogo”.

No tocante a realidade comunicacional da ilha Araraim, entende-se que os tipos de interação de Thompson são adequados para análise deste trabalho pelas perspectivas apontadas por Primo (2003), pois como o mesmo tem como suporte também a descrição da forma de comunicação que foram se estabelecendo entre os moradores da ilha, é possível, por meio dos tipos de interação de Thompson organizar as formas apontadas de comunicação entre os moradores.

Os rios, furos e igarapés sempre desempenharam um papel muito importante nas relações estabelecidas na ilha Araraim, inclusive nas relações comunicacionais. E então surgiu a pergunta norteadora deste trabalho: foi por meio deles que aconteceram as primeiras relações de comunicação estabelecidas entre os moradores.

Silva e Souza Filho (2002), partindo de uma definição do ser ribeirinho, destacam a relação da população com o rio e como vai além de um cenário ou paisagem, mas como algo constitutivo do modo de vida. Segundo os autores, “para estas populações, o rio não é apenas um elemento do cenário ou paisagem, mas algo constitutivo do modo de ser e viver do homem” (Silva; Souza Filho, 2002, p.27).

Depois dos recados orais e visitas, os moradores relatam a chegada das cartas. Estas, escritas por poucos moradores alfabetizados, iniciaram o rompimento da fronteira além do município. Com a técnica de transporte fluvial cada vez mais desenvolvida e o conhecimento dos rios da Amazônia, alguns moradores da ilha começaram a viajar para comercializar os produtos colhidos da natureza.

O primeiro produto a ser comercializado fora da ilha foi o açaí que era levado para cidades como Abaetetuba, Igarapé Miri e, sobretudo, Belém. Esses viajantes passaram a ser chamados como “marreteiros de açaí” e estes viajantes passaram a ser os interlocutores na comunicação entre os moradores da ilha com pessoas fora dela.

Depois das cartas a ilha contou com o rádio. Os recados falados durante a programação tinham um horário fixo em que as famílias se reuniam em torno do aparelho aguardando os recados de familiares ou conhecidos. O rádio também servia como fonte de informação, os jornais e os diários de notícias eram muito aguardados pelos moradores, segundo estes relataram em conversas realizadas durante a pesquisa.

Depois do rádio, a televisão começou a ganhar espaço na ilha. Ela era novidade e poucas famílias poderiam ter o aparelho, pelo custo e quantidade de material necessários para a instalação da antena de recepção de sinal via satélite, por exemplo. Mas, por meio da televisão, chegou a possibilidade da comunicação para além da ilha e redondezas, assim como o contato com a imagem nas novelas, telejornais e programação de entretenimento.

Na busca por formas de interagirem entre si e buscarem informações de forma mais rápida e que houvesse uma troca, um diálogo, começou a experiência dos moradores com o celular. Essa que ocorreu antes da chegada da internet, por meio dos chamados “celulares rurais”. Foram os “marreteiros” os responsáveis por levar a ligação telefônica por via celular à ilha, o que possibilitou a comunicação com pessoas de fora e dentro da comunidade de forma mais rápida e dinâmica. No entanto, o custo para a instalação fez com que o aparelho fosse adquirido por algumas famílias, e pelos rios, muitas pessoas se deslocavam para as casas vizinhas para assistir o seu programa favorito.

**2. ANÁLISE E COMENTÁRIO DO CONTEÚDO**

Uma Amazônia que está em destaque para o mundo. A Amazônia da diversidade, das riquezas naturais, das pessoas, dos processos, da tecnologia, da comunicação. E em um ambiente cada vez mais tecnológico, das redes sociais e da internet, este trabalho pretende mostrar, dentre tantas realidades, a da Amazônia paraense, do ribeirinho, que com seus costumes, tradições e dinâmicas sociais próprias, vivem seus processos de forma plural e ativa.

A comunicação quando se olha para as populações ribeirinhas, é muitas vezes direcionada para os usos dos celulares, internet e redes sociais, não que este trabalho não seja sobre isso, também é, mas em uma dinâmica de coexistência, durante a pesquisa do mestrado, foi possível observar que os meios de comunicação considerados tradicionais como rádio e televisão não deixaram de existir no dia a dia dos moradores, pelo contrário, possuem um papel marcante e importante nessa dinâmica social. Além disso, foi possível observar que a comunicação ela está além dos meios tradicionais, ela está na carta, está no recado falado, está na visita a um vizinho.

Olhando por essa perspectiva e partindo da premissa levantada por José Luiz Braga “de que as interações sociais são o lugar de ocorrência da comunicação (Braga, 2012, p. 26), as questões levantadas neste trabalho são de reflexões sobre as interações sociais e midiáticas a partir da experiência dos moradores da ilha Araraim com as novas tecnologias. Uma abordagem que procura entender essa relação além dos meios técnicos como celular, mas sim entre sujeitos que vivem o processo e também fazem reflexões sobre ele.

Um aspecto importante, para o esclarecimento desta perspectiva, é a percepção de que não só os pesquisadores se preocupam em compreender a comunicação: também a sociedade e os participantes sociais estão voltados expressamente para o fenômeno, em uma relação prática. A sociedade, suas instituições e pessoas não apenas se comunicam, mas pensam sobre isso e organizam largas partes de seu comportamento e seus processos sociais conforme o entendimento que têm a respeito (Braga, 2012, p. 27).

Durante a observação de campo, foi possível perceber que a interação naquele espaço estava além do cenário que envolve o celular, a internet e a energia elétrica (que era o foco da pesquisa), estava na aproximação com o outro, na troca de informação, nas possibilidades de estar junto mesmo estando em locais diferentes. Ainda em uma perspectiva de olhar o geral da comunidade foi possível perceber que os próprios moradores em muitas conversas, buscavam nas memórias do passado compreender as relações dos presente, mesmo as da comunicação, refletindo muitas vezes criticamente sobre isso.

**3. CONSIDERAÇÕES FINAIS**

Nesse cenário comunicativo que vem sendo construído na ilha Araraim, vale ressaltar que não houve uma quebra temporal para elas existirem, ou seja, pelo contrário, esses processos coexistiram e coexistem no dia a dia dos moradores da ilha, embora algumas práticas como as cartas, por exemplo, deixassem de fazer parte do cotidiano dos moradores.

Deste modo é possível perceber que não é que a chegada do celular interrompeu definitivamente a prática dos recados falados ou das visitas, pelo contrário, até hoje, mesmo com o cenário do celular, da internet e da energia elétrica, a visita ainda é uma prática muito recorrente entre os moradores e deste modo o envio dos recados.

Foi possível perceber que na dinâmica social da comunidade, que não dá para escrever nas poucas linhas deste resumo, existem espaços bem definidos ainda para o uso das mídias ditas tradicionais como rádio e televisão. E entre toda essa dinâmica do passado ao futuro comunicativo dos moradores da ilha Araraim é como os rios que a formam que conectam não só geograficamente.

**REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS**

COSTA, Vânia. **À sombra da floresta**: Os sujeitos amazônicos entre estereótipo, invisibilidade e colonialidade no telejornalismo da Rede Globo.2011. Tese. UFF. 2011. Disponível em:  https://app.uff.br/riuff/handle/1/30189?locale-attribute=en.  Acesso em: 17 out. 2024.

LOUREIRO, João de Jesus Paes. Obras reunidas. Cultura Amazônica: uma poética do imaginário. Belém: Cejup, 2001.

SOUZA, Márcio. **História da Amazônia**: do período pré-colombiano aos desafios do século XXI. 1 ed. Rio de Janeiro: Record, 2019.

THOMPSON, John B. **A interação mediada na era digital**. Matrizes, São Paulo, v. 12, n. 3, p. 17-44, set./dez., 2018.

PRIMO, Alex. **Interação mediada por computador**: a comunicação e a educação a distância segundo uma perspectiva sistêmico-relacional. 2003. Tese de doutorado. Universidade Federal do Rio Grande do Sul, 2003.

SILVA, Josué da Costa; SOUZA FILHO, Theóphilo Alves de. **O viver ribeirinho**. In:  Nos Banzeiros do Rio: Ação Interdisciplinar em busca da sustentabilidade em Comunidades Ribeirinhas da Amazônia. Porto Velho/RO: EDUFRO, 2002.

BRAGA, José Luíz. **Interação como contexto da comunicação**. Matrizes, São Paulo, v. 6, n. 1, p. 25-41, jul/dez, 2012. Disponível em:

https://www.revistas.usp.br/matrizes/article/view/48048/51802. Acesso: 17 out. 2024.

1. Formada em Jornalismo pela UFPA e mestre em Comunicação, Cultura e Amazônia pelo PPGCOM -UFPA, egressa em 2023. Pesquisa comunicação e comunidades ribeirinhas da Amazônia paraense, analisando a relação dos moradores com as novas mídias, como as redes sociais. [wanjornalista@gmail.com](mailto:wanjornalista@gmail.com)

   2Doutora em Letras, Professora da Universidade Federal do Pará, líder do grupo de pesquisa Vestígios-Comunicação, Linguagens, Discursos e Memórias na Amazônia (UFPA/CNPq), [netiliaseixas@gmail.com](mailto:netiliaseixas@gmail.com). [↑](#footnote-ref-1)